



As Ordens Religiosas sob o Prisma da Teoria Eliasiana no Contexto Amazônico ¹

Luana Paiva GONZALEZ ²
Gláucio Campos Gomes de MATOS ³

RESUMO

Este artigo é uma reflexão teórica que visa analisar como convergiram as ordens religiosas na Amazônia, tendo como aporte teórico a teoria eliasiana para compreender as influências das missões religiosas sobre os grupos étnicos que incidiram no contexto Amazônico, através dos seus costumes e as práticas culturais que desencadearam no modo de vida das populações locais. As missões religiosas elencadas são os franciscanos, carmelitas, mercedários, jesuítas e por fim os salesianos esta última ordem religiosa se estabeleceu no Amazonas e deu seguimento as atividades missionarias. A pesquisa é bibliográfica, com uma abordagem qualitativa e resultou dos estudos realizados na disciplina Processos civilizadores e práticas socioculturais em Comunidades Amazônicas, do Programa de Mestrado Sociedade e Cultura na Amazônia. Partindo deste pressuposto que buscaremos refletir sobre as práticas educativas religiosas que desencadearam no comportamento, na vivência da população que incorporaram ao molde ocidental, a pesquisa dá ênfase nas relações sociais durante o período da colonização e suas transformações até o período do rompimento com o padroado e o surgimento das prelações na região amazônica, baseando-se nas práticas educativas que se consolidaram em nosso estado. A investigação é de extrema relevância para compreender os meios civilizatórios socioculturais que se fizeram presente na Amazônia, por meio das ordens religiosas.

PALAVRAS-CHAVE: Processo civilizador; Ordens Religiosas; Processos Sociais.

INTRODUÇÃO

A pesquisa em estudo analisa a presença das ordens religiosas na Amazônia, sob aporte teórico de Norbert Elias na perspectiva de compreender a ocupação da Amazônia pelos os missionários franciscanos, carmelitas, jesuítas, mercedários e os salesianos com suas práticas civilizatórias, faremos referências sobre as práticas

¹ Trabalho apresentado no GT 9 (Processos Civilizadores na Pan-Amazônia) do III Siscultura.

² Graduada em Pedagogia; Mestranda em Sociedade e Cultura na Amazônia pela Universidade Federal do Amazonas. E-mail: luanagonz@hotmail.com

³ Professor Dr. do Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia – PPGSCA/UFAM. E-mail: glauciocampos@bol.com.br



III Seminário Internacional em
Sociedade e Cultura na Pan-Amazônia
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Manaus (AM), de 21 a 23 de novembro de 2018



missionárias que influenciaram a população local e os grupos étnicos, fazendo uma análise das transformações sociais que desencadearam no habitus dos habitantes locais, através de questões políticas, econômicas e culturais que estabeleceram na região.

As ações missionárias foram constituídas a partir do século 17 e desempenharam um papel importante na formação da organização social que atribuíram à soberania territorial e nacionalização da comunidade local, além de analisarmos as configurações religiosas na época colonial com os habitantes, adentraremos no processo de interdependência e as relações de poder entre as figurações existentes.

Ao nos reportarmos sobre o que levou as ordens religiosas a convergirem na Amazônia com suas práticas educativas e ações missionárias no período da colonização, dialogamos com os estudos de Norbert Elias que analisa os processos sociais e as mudanças que a sociedade vai se transformando a longo prazo.

Destacamos Norbert Elias sociólogo alemão, que nasceu em 1897 em Breslau e faleceu em 1990 em Amsterdã. Com formação nas áreas de medicina, sociologia, psicologia e filosofia nas Universidades de Breslau e Heidelberg. É contemporâneo com estudiosos como Theodor Adorno, Karl Manheim e Alfred Weber.

Desenvolveu varias obras como a sociologia figuracional que retrata o surgimento das configurações na interação social, seu trabalho mais conhecido é “O Processo Civilizador” de 1939, que expõe os costumes, a formação do Estado que se passa na Europa Ocidental e o modo de vida em como a sociedade vai se moldando por influência das regras de etiqueta, os costumes e o comportamento que expressa o modo de autorregulação dos indivíduos.

A ocupação da Amazônia pelos portugueses veio alicerçada pela política que envolveu alianças, conversões religiosas, guerras e negociações, que ocasionou como um sistema de dominação e controle sobre as comunidades indígenas praticados pelo colonizador português no qual decorreu das relações entre indígenas e brancos e se estabeleceu tanto pelo interesse de território como pela influencia da religião.



Partindo desta premissa que verificamos como as religiões estiveram presentes no processo das principais civilizações em que a Amazônia foi dividida por várias ordens religiosas e se posicionaram para manter a ordem e estabelecer novos modos de vida aos habitantes locais.

As Ordens Religiosas na Amazônia no período da Amazônia Colonial

Ao adentrar nas missões religiosas, analisamos que a Amazônia foi inserida no mapa a partir da época das descobertas, segundo Silva (2004, p. 21) “o Velho e o Novo Mundo encontram-se em 1492 (descoberta do continente americano)”. O Novo Mundo sofre sua primeira intervenção histórica expressa pelo Tratado de Tordesilhas acordo entre Portugal e Espanha (1494). Pois esta região na época pertencia à Espanha, quando os navegadores espanhóis começaram a navegar antes da descoberta de Álvares Cabral.

Muitos colonizadores estrangeiros ingleses, holandeses e franceses, tinham interesses nestas terras em virtude das especiarias como as ervas aromáticas, castanha do Pará, urucum e guaraná, devido estas riquezas naturais que aos poucos foram penetrando nas terras espanholas e portuguesas.

De acordo com Silva (2004) foi o espanhol Francisco Orellana em sua viagem entre 1541 e 1542 que foi o primeiro europeu a percorrer no rio Amazonas e retornar para Espanha. Podemos citar os franceses que entraram no Maranhão em 1612 a 1615 trazendo os missionários ao Norte do Brasil, os capuchinhos franceses.

Conforme Gondim (2007), foram os portugueses que tomaram posse do rio Amazonas por meio da Expedição Pedro Teixeira no período de 1637 a 1639, estes reagiram à “invasão” dos franceses, e penetraram definitivamente na Amazônia, fundaram a cidade do Grão Pará e deram início ao processo de povoamento na região para atender aos interesses de Portugal evangelizando as comunidades locais existentes, em 1750 outro Tratado foi proposto o de Madri, redefinindo as fronteiras entre Espanha e Portugal e as terras espanholas passaram a pertencer a Portugal.

Retratando sobre o período da colonização, identificamos que o processo civilizador ocidental penetrou nas aldeias de forma coercitiva, para que os indígenas incorporassem seus costumes e sua cultura, estes indivíduos assimilaram o que foi



III Seminário Internacional em
Sociedade e Cultura na Pan-Amazônia
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Manaus (AM), de 21 a 23 de novembro de 2018



imposto às comunidades através dos mecanismos de autocontrole como se fosse algo espontâneo, uma vez que os grupos indígenas foram induzidos a seguir os padrões exigidos para que se mantivessem nos aldeamentos.

De acordo com Matos (2015, p. 50), as relações humanas são permeadas por comportamento emoções, conhecimento e poder. São humanos os amazônidas e não fogem a esse preceito. Alguns emergiram da floresta e outros foram para dentro providos de conhecimento civilizacional.

Adentramos na compreensão de que o indígena com sua experiência nativa mostrou ao colonizador o seu modo de vida, com suas práticas de caça e pesca vindo da floresta e os europeus quando vieram já trouxeram sua bagagem de princípios civilizadores de sua cultura para transmitir ao indígena, ambos já tinham suas peculiaridades conforme o seu ambiente de vida.

Na compreensão de entender estas práticas missionárias no Contexto Amazônico, em que as missões religiosas vieram por Ordem da Coroa Portuguesa para atuarem na catequização dos indígenas e com o passar do tempo no interior da Igreja surgiram algumas instituições que desenvolveram modelos próprios para o evangelho cristão, as quais denominaram-se de ordens religiosas, muitas destas surgiram desde a colonização no Brasil no intuito de propagar a fé e desenvolver um estilo de vida por meio de suas religiões.

Gambini (2000), em espelho índio a formação da alma Brasileira, relata como demonstrou Buarque de Holanda à visão do paraíso como arquetípico ativado no inconsciente europeu por ocasião dos “descobrimentos” evoca as delícias de um jardim povoado por animais dóceis e habitado por um homem e uma mulher em estado de inocência, com uma diferença descrevia os indígenas como pecadores natos por desconhecerem a verdade da revelação.

Concernente a Igreja Católica analisamos que o pensamento religioso influenciava a visão dos viajantes europeus, do colonizador do Velho Mundo sobre o Novo. Neste sentido descrevem-se as narrativas dos viajantes que eram frequentes e expressavam fantasia ao se referir no Paraíso ou inferno verde relacionando a fauna e flora da Amazônia.



III Seminário Internacional em
Sociedade e Cultura na Pan-Amazônia
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Manaus (AM), de 21 a 23 de novembro de 2018



Neste contexto descreve que os indivíduos deste paraíso, havia neles a ausência da fé como podemos dizer da religião que até então desconheciam antes da chegada dos europeus, o indígena na percepção dos portugueses eram como portadores do mal a espera da redenção, por ser um povo que não tinha reis a quem obedecer, não havia leis nem regras ou qualquer moral, o classificavam como preguiçosos, indisciplinados, cuja afirmação que alegavam era de que “se os índios tivessem sido criados por Deus, reconheceriam a palavra de Deus e dos jesuítas”. Gambini (2000).

Diante do processo de colonização, ressaltamos que cada ordem religiosa teve suas particularidades com suas atuações na catequização, em particular na Amazônia as ordens que se destacaram foram: os franciscanos, carmelitas, jesuítas e mercedários. Nesta conjuntura salientamos a importância da história na Amazônia Colonial para compreendermos a prática no processo de construção destas ordens e como se articularam na região.

De acordo com Hoornaert (1992), os portugueses colonizadores participaram da mentalidade de seus reis o qual pertenciam a Igreja estabelecida e de um estado de espírito comum a todos os católicos da época, que descrevia um espírito guerreiro contra os inimigos da fé, popularizado através de uma ação conscientizadora por parte do clero e nobreza que culminaram na Europa, por esta ideologia que os portugueses quando penetraram na Amazônia deixaram de ser tolerantes com os indígenas.

Os missionários não apenas catequizavam, mas se apropriaram da mão de obra indígena, pois estes sabiam onde encontrar as especiarias, extrair os recursos naturais e podemos dizer que os colonizadores ao chegarem à Amazônia vieram com este propósito de conseguirem obter riquezas naturais para comercializar, conhecidas como as drogas do sertão muito cobiçadas na época, neste sentido quem conhecia muito bem a floresta e como chegar até estas especiarias eram os indígenas por isso o interesse neles tanto os colonizadores quanto os missionários.

Os Franciscanos da Província de Santo Antonio em 1618, foram os primeiros a chegar à Amazônia, passaram pela província da Piedade em 1693 e Província da Conceição da Beira e Minho em 1706. Essa ordem veio para a região na expedição de



III Seminário Internacional em
Sociedade e Cultura na Pan-Amazônia
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Manaus (AM), de 21 a 23 de novembro de 2018



Jerônimo Albuquerque para a conquista do Maranhão. O Estado português que financiava as ordens e se responsabilizavam pelas obras assistenciais, catequese do gentio, assistência intelectual e espiritual aos colonos e especialmente o atendimento aos doentes, prática que os tornou conhecidos em toda a América. (SILVA, 2004).

Os franciscanos entendiam a missa como extensão das fronteiras do sistema católico e expansão religiosa, administraram 26 aldeamentos indígenas eram distribuídos por diversas áreas do baixo Amazonas como a ilha de Marajó, adjacências de Gurupá, distrito do Amazonas até Nhamundá, inclusive Xingu e Trombetas. (HOORNAERT, 1992).

Com o tempo chegaram a Ordem dos Carmelitas, Jesuítas e dos Mercedários que aportaram em solo amazônico. Os carmelitas chegaram a Belém em 1617, formaram aldeamentos na região do Solimões, Rio Negro e Rio Branco, administraram o rio delta, do Amazonas, trechos do rio urubu e rio baixo do Rio Negro. “Os carmelitas restringiam a sua prática religiosa ao aspecto educativo dos jovens, filhos de colonos, atividade iniciada em 1626, no Maranhão.” (SILVA, 2004). A atividade missionária junto aos indígenas iniciou-se a convite dos jesuítas.

Ao início do século 17 a situação da Ordem do Carmo no Brasil era de muito progresso, nos anos seguintes em Angra dos Reis, São Luis do Maranhão e Belém. No século 18 a Ordem dos Carmelitas desenvolveu-se principalmente no norte do Brasil em 1720, havia no Pará e Amazonas 15 missões de carmelitas. Em 1725 começaram no Vale do Rio Branco, no qual existia uma relação datada de 1784 do número de religiosos no estado do Grão Pará e no Rio Negro. (LUNA, 1947)

Houve grandes conflitos entre escravizar o indígena ou o negro, a falta e o alto custo dos escravos africanos fizeram com que os colonos optassem pelos índios e o uso dos nativos como escravos teve forte oposição dos jesuítas, que entraram em conflito com os colonos da região. Neste processo de balança de poder, há momentos que as ordens religiosas administram os aldeamentos e em outros o controle sobre os indígenas fica nas mãos dos colonos leigos e dos missionários.

As atuações das ordens religiosas sempre estiveram atreladas a questões de grande importância na Amazônia Colonial como a administração indígena e o confronto

entre missionários e moradores locais a partir da disputa pelo poder sobre a administração, na historiografia em CEHILA - Comissão de Estudos de História da Igreja na América Latina e Caribe (1970), ao se voltar para esta atuação, deixa outras ordens de importante papel da colonização na região de lado como os capuchos, franciscanos portugueses desde o início do século 17, que enfraqueceram frente aos missionários jesuítas. (JUNIOR, 2008).

Ao relacionarmos as figurações das ordens religiosas, Norbert Elias nos permite compreender as relações de interdependência na qual cada indivíduo esta em uma interdependência funcional uns com os outros. Quando adentramos na situação do indígena que precisava abrir mão da sua própria cultura, para se manter nos aldeamentos, percebemos a dependência sobre o outro indivíduo, em ambos no caso do colonizador se apropriava da mão de obra indígena devido o conhecimento que os indígenas tinham da floresta, os missionários na intenção de catequizar também se aperfeiçoavam do conhecimento nativo.

Para Elias vivemos em um processo de interdependência que uns dependem dos outros para subsidiar a sua necessidade em determinadas figurações.

[...] cada pessoa singular está realmente presa, está em permanente dependência funcional de outras; ela é um elo das cadeias que ligam outras pessoas, direta ou indiretamente são elos que as prendem. São mais elásticas, mais fortes, mutáveis, porém menos reais e decerto não menos fortes. São redes de funções que as pessoas desempenham em relação às outras a que chamamos de “sociedade”. (ELIAS, 1994, p.21).

Nesta relação destacamos como as ordens religiosas por meio dos missionários e os colonos estavam em constante processo de interdependências, seja por meio de negociações, pelo controle da mão de obra indígena, para alcançar determinada finalidade e compreendemos que as figurações necessitam se articular entre si, neste conceito o indivíduo está interligado com a sociedade e estas não são indissociáveis, como se indivíduo e sociedade fossem antagônicos ou diferentes, uma vez que para compreendermos é necessária a articulação de ambos no processo sociocultural das comunidades.



III Seminário Internacional em
Sociedade e Cultura na Pan-Amazônia
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Manaus (AM), de 21 a 23 de novembro de 2018



No caso da ação dos franciscanos na Amazônia pode ser entendida sob diversos aspectos, pois é o período de maior poder e controle dos missionários portugueses na Amazônia, neste sentido um dos problemas principais é a ocupação colonial na Amazônia e o conflito entre jesuítas e moradores pela administração das aldeias indígenas. A mão de obra indígena era um dos mecanismos de funcionamento da sociedade colonial portuguesa no estado do Maranhão, o que implicava a necessidade de civilização indígena e catequização.

De acordo com Hoornaert (1992), os Jesuítas neste processo de colonização na Amazônia atuaram no século 17 quando foi introduzido o regimento das missões e passaram a ter o controle da mão de obra indígena em 19 aldeamentos, as áreas que tiveram atuação dos jesuítas ocorreram na margem direita do sertão Sul e trecho delta, passaram em 1607 pela Serra Ibiapaba, 1615 a 1622 por São Luís e Belém no período de 1636 a 1643.

Foi à ordem que mais prosperou, embora tivessem passado em outras ocasiões pela região, iniciou de fato sua presença com o Padre Antonio Vieira que chegou ao Maranhão –Pará em 1653 que recomeçou efetivamente e perdurou até 1759 com idas e vindas até serem expulsos definitivamente da Amazônia e de todos os domínios do português. (GARCIA VILOS LADA, 1991).

A primeira metade do século 18 marcou para todas as ordens religiosas que trabalhavam no Brasil uma fase de expansão e poder econômico, o governo luso acompanhava as fundações dos missionários e a principal forma de colaboração da Coroa foi à doação de terras.

Os religiosos tornavam-se progressivamente senhores de grandes latifúndios e fazendas no norte e nordeste do país. As autoridades locais faziam doações aos religiosos, os colégios jesuítas sustentavam-se mediante administração de fazendas como heranças. No Norte os carmelitas e mercedários tornaram-se poderosos senhores territoriais, apenas os franciscanos e capuchinhos não aceitavam doação de terras devido ao voto de pobreza e viviam das esmolas e do patrimônio dos seus conventos. (LUNA, 1947).

O crescimento da ordem no século 18 ocasionou inúmeros conflitos com moradores e autoridade, sobretudo em torno do controle da mão de obra indígena, fonte



III Seminário Internacional em
Sociedade e Cultura na Pan-Amazônia
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Manaus (AM), de 21 a 23 de novembro de 2018



de toda a riqueza da Amazônia e fundamental na região, era principal motivo dos conflitos. Estes entraram em confronto direto com os moradores para defenderem a liberdade dos indígenas ou controlar essa mão de obra indígena, neste período os jesuítas ficaram com as melhores terras (onde havia maior concentração de indígenas), mas perderam o controle com a mão de obra indígena na época de Pombal quando introduziram o diretório pombalino e foram expulsos.

Na época que Pombal exerceu poder sobre a Amazônia saiu de posição marginal do contexto colonial e editou leis específicas que afetou a região como a proibição de escravização indígena através das tropas de resgates, essas formas de recrutamento tornaram-se proibidas e poderiam ocorrer apenas com os descimentos e não era permitido mais a guerra justa.

Conforme Silva (2004), a companhia de Jesus é a última ordem religiosa reacionária e autoritária com caráter repressivo e diplomático, quanto às novas ordens que sucederam têm um pequeno significado religioso e expressa de forma abrangente um significado disciplinar sobre a massa dos fieis e instrumentos de resistência para conservar as políticas adquiridas.

As missões que existiam passaram a ser administradas por funcionários do Estado que são os diretores dos índios, outra situação é a Criação Geral de Comércio do Grão Pará e Maranhão que implementou a cultura e o comércio que introduziu o processo de povoamento de casais vindo dos açores. Criaram o Estado do Grão Pará e Maranhão em 1751, após 1772 o estado do Grão Pará e rio Negro correspondendo a Amazônia e Pará atualmente e por outro lado o estado de Piauí este território foi incorporado ao território brasileiro. (LUNA, 1947).

Como afirma Luna (1947), os mercedários também entraram no Brasil no século 17 chegaram com a Expedição de Pedro Teixeira na região amazônica em outubro de 1637, ele chegou até Quito no Equador, onde pode apreciar a atuação dos padres das Mercês naquela região. Vieram para o norte e três religiosos acompanharam o regresso para a Amazônia, em 1640 fundaram o convento de Nossa Senhora das Mercês no Pará em dois conventos um em Cameté e outro São Luis do Maranhão.



Os padres mercês destacaram-se tanto pela educação da juventude nos seus conventos como pela atividade missionária, aumentaram seus patrimônios na região Amazônica e tornaram-se grandes proprietários de fazendas e criação de gado, nesta relação todas as ordens religiosas recebiam doações e o poder territorial era aderido ao controle em algumas localidades, é nesta ligação das missões religiosas que adentraram na Amazônia no qual verificamos um equilíbrio de poder.

As ordens religiosas incluindo franciscanos, jesuítas, carmelitas e mercedários fundaram 63 aldeamentos de missão, não só o trabalho de catequização estava relacionado, mas também o projeto de civilização, ou seja, tornar o indígena um trabalhador partindo da premissa dos padrões europeus, a presença da Igreja estava sujeita ao padroado⁴, em que condicionou as missões religiosas. (Hoonart, 1992).

Verificamos que no decorrer do processo de integração há ausência do Estado na época da Amazônia Colonial e devido à crise provocada pela expulsão dos jesuítas e outras ordens religiosas a Igreja se vê prejudicada pela diminuição do clero para extensão do trabalho e houve um rigoroso controle do governo pelos missionários que vinham para região, todavia o catolicismo popular se tornou presente com a participação de leigos que ficaram a frente de manifestações culturais religiosas no país.

CONTRIBUIÇÕES DA TEORIA ELIASIANA PARA COMPREENSÃO DOS PROCESSOS SOCIAIS DAS ORDENS RELIGIOSAS

Discorrer sobre as ordens religiosas nos remete a refletir segundo Elias, (1994) que não devemos analisar o indivíduo de maneira isolada, mas como um todo, pois à medida que as ordens religiosas adentraram na região amazônica tinham como objetivo evangelizar os habitantes locais, indígenas com sua cultura, crença o que desencadeou nos comportamentos destes indivíduos e estabeleceram outros hábitos para a população.

⁴ Padroado correspondia que toda atividade missionária e organização da Igreja Católica tinham que submeter à autorização ou não da Coroa Portuguesa, era um sistema que relacionava aos direitos e deveres dos reis católicos de Portugal e à missão da Igreja em terras conquistadas, funcionou na Amazônia como nos restante do Brasil.



III Seminário Internacional em
Sociedade e Cultura na Pan-Amazônia
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Manaus (AM), de 21 a 23 de novembro de 2018



Outro momento marcante que resulta em profundas mudanças quanto à influência religiosa no contexto amazônico, decorre ao período que o Estado republicano rompe com o regime do padroado, proclama-se o laico e obriga a Igreja a uma nova tomada de posição. Conforme Costa (2009), com a proclamação da República em 1889, há um deslocamento do catolicismo da posição privilegiada que até então tivera, para a delimitação no campo educacional, até a primeira metade de 1910, por intermédio das Pastorais Coletivas a Igreja se limita a orientar as instituições católicas sobre o ensino religioso, a preparação dos professores e os métodos modernos.

No transcorrer desde processo a presença da Igreja na Amazônia registra que os salesianos atuaram na segunda década do século 20, neste período o ensino religioso predominava aos indígenas, as crianças eram separadas de suas famílias e direcionadas aos internatos de missionários, na época coibiram a utilizar sua língua nativa e ensinavam a língua portuguesa e “[...] formaram uma grande rede organizativa por meio de hospitais, escolas, oficinas e oratórios. [...]” (AZZI, 1983).

A educação desenvolvida era de transmitir os conhecimentos elementares do ensino primário, estabeleceram cursos de ofícios aos internos como carpintaria, alfaiataria, agricultura e as internas além do ensino formal, recebiam cursos de corte, costura e bordado dando início ao processo de profissionalização.

Os salesianos iniciaram a presença sistemática entre os povos indígenas do alto Rio Negro, desenvolvendo atividades de evangelização, catequese, escolarização e profissionalização, quando deram início a formação de núcleos de civilização como Barcelos, São Gabriel da Cachoeira e aos poucos foram se consolidando buscando ter uma base de sustentação na capital em Manaus e começaram a construir escolas e desenvolver o ensino e evangelização de sua ordem religiosa.

Na teoria eliasiana podemos destacar que desde o período da colonização na Amazônia, os indígenas incorporaram à escrita, a evangelização e posteriormente outras religiões passaram por um processo de desintegração. Neste contexto muitos indígenas deixaram de utilizar seu dialeto, deixando de lado sua identidade e seus costumes, para internalizar a cultura do ocidental ao que lhe era impostos como uma forma de conveniência na figuração em que estavam inseridos prevaleceu às regras de etiquetas, a



III Seminário Internacional em
Sociedade e Cultura na Pan-Amazônia
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Manaus (AM), de 21 a 23 de novembro de 2018



conduta de civilização ao molde ocidental, condicionando-os a formalização dos costumes e autocontrole.

Conforme (MATOS, 2015) “É pertinente conceber como o processo civilizador se conteve, se pode ser entendido desta maneira, a cultural local, que desencadeou comportamentos ao molde ocidental.” A decência e a vergonha perpassaram nos atos e comportamentos culturais dos indígenas que penetraram nos costumes de forma instantânea, dentre a escola que ao chegar às comunidades não deu atenção ao princípio da alteridade.

Podemos analisar que na mentalidade dos portugueses que chegavam à região, era impregnada na religião de sua cultura, por isso que ao chegarem implantaram a religião cristã aos habitantes locais, pois não levaram em consideração o etnoconhecimento, os costumes dos indígenas que ali viviam, e buscaram introduzir o nacionalismo português. Como descreviam que o português é por direito cristão que já nascia com a palavra de Deus, já condicionavam o indivíduo desde o nascimento, enquanto os indígenas eram infiéis por não pertencerem a sua religião até o momento de se condicionarem a sua cultura e ao batismo eram vistos como pagãos.

Nesta configuração podemos analisar a luz de Norbert Elias a questão da autoimagem que o colonizador tinha de si, como se apenas a sua cultura e seus conhecimentos fossem determinantes para processo de construção social para civilizar um indivíduo e consideravam a sua cultura a imagem e semelhança para seguir os princípios de cidadão.

Baseado nas fundamentações de Norbert Elias, buscamos apoiar nosso estudo e compreendemos então que “[...] o processo civilizador constitui uma mudança na conduta e sentimentos humanos (ELIAS, 1993)” e “[...] corresponde a um percurso de aprendizagem involuntária pelo qual passa a humanidade.

Numa sociedade civilizada há de entender que [...] nenhum ser humano chega civilizado ao mundo e que o processo civilizador individual que ele obrigatoriamente sofre é uma função do processo civilizador social. (ELIAS, 1994). É nesse sentido que aponta a semelhança entre a estrutura dos sentimentos e consciência da criança como das pessoas “incivis”, e que são condicionadas a internalizar em poucos anos, o que a

sociedade levou anos para se adequar, como os costumes e a modelar conforme as regras de padrão para se autorregular ao comportamento exigido pela sociedade.

Na conjuntura de relação entre Estado e Igreja, percebemos que cada um remete a uma figuração, a dos missionários representando a Igreja e o Estado representado por uma organização social política e soberana que administra uma nação, cada indivíduo ocupa um lugar nessas figurações. Tendo em vista esse contexto, o que determinará nesse processo será o nível de interdependência e a balança de poder estabelecida em cada relação, ao falar sobre a noção de equilíbrio de poder para pensar nas relações sociais.

O equilíbrio de poder não se encontra unicamente na grande arena das relações entre os estados, onde é frequentemente espetacular, atraindo grande atenção. Constitui um elemento integral de todas as relações humanas. [...]Sejam grandes ou pequenas as diferenças de poder, o equilíbrio de poder está sempre presente onde quer que haja uma interdependência funcional entre pessoas. (ELIAS, 2008, p. 80 e 81).

Quando pensamos em poder nas concepções eliasianas se expressa conforme as relações se estabelecem, resultante das funções sociais, na qual devemos considerar a afirmação de Elias, que há diferentes formas de poder em uma relação e essas podem advir de conhecimento, do político, econômico, social etc. Como exemplo: há um equilíbrio de poder entre um escravo e o seu senhor, assim como o senhor tem poder sobre o escravo, também poderá ocorrer o inverso. Todavia o poder é resultado da interdependência, na proporção que o indivíduo em determinada função desempenha para o outro, atribuído às relações sociais que se constrói este equilíbrio de poder.

Para corroborar com este estudo compreende-se que “uma das condições fundamentais da existência humana é a presença de diversas pessoas inter-relacionadas.” Elias (1994), assegura desde que permaneçamos no âmbito da experiência, somos submetidos a reconhecer que o ser humano advém de outro ser humano para existir e constitui-se por natureza de outras pessoas que existam antes deles para crescer, se condicionando a figuração que está inserida o indivíduo em sociedade.

Segundo ELIAS (1994), retoma a ideia de que esses processos não são únicos e nem imutáveis, eles se constituem de acordo com o desenvolvimento e transformações



ocorridos ao longo dos anos e de acordo com a *figuração* formada a partir das relações de *interdependência* que os indivíduos estabelecem entre si e em sociedade, uma vez que, a própria sociedade se constitui e é constituída pelas relações que nela são estabelecidas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com enfoque na teoria eliasiana, está nos possibilitou fomentar a reflexão entre Estado e Igreja através das relações de poder em suas práticas missionárias perante os habitantes locais, na qual identificamos que a cultura ocidental penetrou nas comunidades e influenciou os indígenas, a população como um todo modificando a maneira de agir destes indivíduos, no falar e pensar no âmbito em que vivem, fatores que implicaram nas transformações ocorridas na sociedade, que podem ser descritos como um processo de longo prazo de formalização e disciplinarização sujeitados a regulações parte delas formalizadas em leis e costumes.

Destarte analisar a relação estabelecida entre as figurações indígenas e missionárias no contexto Amazônico, concernente à colonização do Novo Mundo com os habitantes locais em sua figuração, que asseguramos que estes mantinham uma relação de interação com a natureza, pois nos permitiu adentrar neste processo social na qual dialogavam com este habitus ambiental e quem chegava à região necessitava da ajuda dos indígenas para se adaptar ao ambiente e também se apropriavam da extração dos recursos naturais para atender suas necessidades básicas e comerciais formado por uma rede de interdependência funcional.

Diante deste cenário de influências religiosas no comportamento e na formação das relações sociais, nos remete a considerar que investigar o passado é entender as alterações sofridas na estrutura psicológica dos indivíduos no decorrer do processo civilizatório e suas relações com as emoções, pois esta tem uma estreita relação com a sociogênese, pois em decorrências das estruturas da psicogênese que causam modificações nas estruturas sociais, características que determinam as transformações no curso da história dos indivíduos.



REFERÊNCIAS

AZZI, Riolando. A Instituição Eclesiástica durante a Primeira Época Colonial. In: Hoornaert, Eduardo. **História da Igreja no Brasil**. TOMO II,1. Petrópolis: Vozes, 1983.

COSTA, Mauro Gomes da. “Os nossos suores que de boa vontade derramaremos” ou os antecedentes da ação salesiana na Amazônia (1882-1915). In: _____. **A ação dos salesianos de Dom Bosco na Amazônia**. São Paulo: Editora Salesiana; 2009.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador: formação do Estado e Civilização**. v. 2, Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 1993.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador. Uma história de costumes**. volume I; 2.ed. Jungman; revisão e apresentação. Renato Janine Ribeiro. v.1 -2.ed. -Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.

ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1994.

ELIAS, Norbert. **Introdução à sociologia**. (1970), Lisboa: Edições 70, 2008.

GAMBINI, Roberto, Espelho Índio: a formação da alma brasileira; coordenação Mary Lou Paris, Caio Kugelmas; São Paulo: Axis Mundi: Terceiro nome, 2000.

GARCÍA-VILLOS LADA, Ricardo, SJ. **Santo Inácio de Loyola**. São Paulo: Loyola, p. 833; 1991.

GONDIM, Neide. **A invenção da Amazônia**, 2ª edição, Manaus: Editora Valer, 340 p., 2007.

HOORNAERT, Eduardo e outros. **História da Igreja no Brasil**, SP/Petrópolis, Paulinas/Vozes, tomo II/1, 4ª ed., 1992;

JUNIOR, Roberto Zahluth. **Franciscanos na Amazônia Colonial in: Projeto história, São Paulo**, n 37. P.285-293; 2008.

LUNA, Joaquim. **Os Monges Beneditinos no Brasil, Esboço Histórico**. Rio de Janeiro, Edições Lumen Christi, 1947.

MATOS, Gláucio Campos Gomes de. **Ethos e figurações na hinterlândia amazônica**; Editora Valer/ Fapeam, Manaus; 2015.

SILVA, Marilene Corrêa da. **O Paiz do Amazonas**. Manaus: Valer, 2004.